



Recebido em: 06/12/2015

Aceito em: 31/01/2016

O Jovem Marx e Lutero. The Young Marx and Luther.

Marcos J. de A. Caldas

<http://lattes.cnpq.br/0462102982176400>

Professor Associado I de História Antiga e Teoria da História

Departamento de Economia e História

Instituto Multidisciplinar

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Projeto de Pesquisa: „*infructuosi (in) negotiis*“ *Aspectos econômicos das perseguições aos cristãos no contexto da chamada crise do século III d.C.*

Resumo: Martinho Lutero (1483-1546) foi certamente um dos mais influentes pensadores do mundo, não apenas porque seu pensamento concorreu para moldar a religião no mundo moderno, mas também porque sua vida proporcionou uma fonte experiências no enfrentamento do *status quo* de seu tempo. Karl Marx (1818-1883) não ficou imune a esta influência. Este breve ensaio analisa a influência de Martinho Lutero, sua vida e seu pensamento, sobre a obra do jovem Karl Marx.

Palavras chaves: Lutero – O Jovem Marx - Família Marx – Trier, Alemanha – *unio cum Christo*.

Abstract: Martin Luther (1483-1546) was certainly one of the most influential thinkers of the World, not only because his thoughts contributed to shape religion in the modern World, but also because his life provided a source of experience by facing the *status quo* in his lifetime. Karl Marx (1818-1883) was not immune to this influence. This brief essay analyses the influence of Martin Luther, his life and thoughts, on the work of young Karl Marx.

Keywords: Luther – Young Marx – Marx Family Tree – Trier, Germany – *unio cum Christo*

Nam tempus nostrum periculosissimum est, ideo prudentissime oportet nos agere Martinho Lutero (Sermo de virtute excommunicationis. 1518 In: D. Martín Luthers Werke. Kritische Gesam(m)tausgabe . Vol. 1. Weimar: Herman Böhlau, IX pg. 642)

“Em verdade, o nosso tempo é perigosíssimo, e por esta razão convém, a nós, agir de maneira prudentíssima”¹. Martinho Lutero (Sermão sobre a virtude da excomunhão. 1518 In: D. Martín Luthers Werke. Kritische Gesam(m)tausgabe . Vol. 1. Weimar: Herman Böhlau, IX pg. 642)

Er hat den archimedischen Punkt gefunden, hat ihn aber gegen sich ausgenützt, offenbar hat er ihn nur unter dieser Bedingung finden dürfen. Franz Kafka. Tagesbuch. 14. Januar 1920.

“Ele encontrou o ponto arquimediano e empregou-o contra si mesmo; parece claro que apenas sob esta condição ele poderia encontrá-lo”. Franz Kafka. Diário 14. Janeiro de 1920.

Introdução

Desde muito cedo o pensamento de Martinho Lutero (1483-1546) foi objeto de interesse para o jovem Karl Marx. Esta atenção dispensada ao monge agostiniano rendeu inúmeras citações em obras em posteriores como os *Gründrisse* e o *Kapital*, a tal ponto que mesmo já em sua fase de crítica a filosofia de Hegel, Marx reconhecia-se tributário da crítica radical que outrora Lutero fizera à religião de sua época:

“O passado *revolucionário* da Alemanha, por assim dizer, teórico – é a *Reforma*. Como outrora foi o *monge*, agora é a vez do *filósofo*, em cujo cérebro a revolução começa.”² (MARX\ENGELS, 1975: 378-391)

O presente trabalho tem por objetivo discutir o impacto do pensamento de Martinho Lutero na obra juvenil de Karl Marx.

Até onde podemos recuar na árvore genealógica de Karl Marx encontraremos judeus. Do lado paterno, Marx descendia de uma longa linhagem de rabinos que ocuparam lugares de destaque na cena das regiões de fala germânica. Seu tetravô, Samuel Mordechai (1735-1777), casado com uma certa Malka, foi um influente rabino na Boêmia (Postelberg, atual república Tcheca) e seu pai, Mordechai Marx, descenderia do ramo dos levitas³. Seu irmão mais novo

¹ Todas as traduções são de minha responsabilidade, salvo indicação em contrário.

² „Deutschlands *revolutionäre* Vergangenheit ist nämlich theoretisch, es ist die *Reformation*. Wie damals der *Mönch*, so ist es jetzt der *Philosoph*, in dessen Hirn die Revolution beginnt“. Karl Marx/ Friedrich Engels - Werke. (Karl) Dietz Verlag, Berlin. Volume 1. Berlin/DDR. 1976. pp. 378-391. Escrito em fins de 1843 e janeiro de 1844.

³ Disponível: <http://geneagraphie.com/getperson.php?personID=I451340&tree=1>

(filho?)⁴, Levi Mordechai (1743-1804), chamado de Marx, também nascido na Boêmia, casou-se com Eva Haum Lwow, filha de Moses Lwow, rabino em Trier, mudando-se para lá onde faleceu com 61 anos, cerca de uma década e meia antes de Karl Marx nascer. Seus bisavós paternos, Levi e Eva, tiveram sete filhos: Samuel Marx Levi, Heinrich Marx, Cerf Hirsch, Jacob, Rachel, Barbette e Ester. Heinrich Marx (1777-1838), também conhecido como Hirschel Levi, casou-se com uma judia de origem holandesa, de Nijmegen, chamada Henrietta Pressburg (1788-1863), filha de um rabino cantor e comerciante.

Na época em que Levi Mordechai mudou-se para a Trier, na província da Renânia, sudoeste da Alemanha, a região sofria uma das piores ondas de carestia de seus séculos de história. No século XVIII, a única cultura um pouco mais próspera era a da viticultura, não apenas porque o clima e o solo da região contribuíam para o crescimento das vinhas, mas porque a estrutura econômica ainda era pesadamente agrária, com uma farta mão de obra camponesa pobre. As poucas guildas que ali se localizavam não tinham para onde escoar sua produção pois o transporte fluvial e terreno era precário (a estrada de ferro só chegou depois de 1860) e intermitente. Ao contrário do que os poucos biógrafos, quando se interessam pelo assunto, teimam em dizer, Trier não foi fundada pelos romanos. Era uma cidade muito mais antiga, talvez a mais antiga da Europa continental ocidental. Quando os romanos ali chegaram fizeram profundas modificações urbanas e sociais, erigindo teatros, termas, muros etc., de modo que a cidade se tornasse uma das mais representativas da cultura romana em terras germânicas (celtas). Seu florescimento, à época romana, ocorreu por um breve período, mas fincou raízes profundas que acabaram por moldar, de certa maneira, a atmosfera da cidade.

A cidade de Trier era pouco acolhedora aos judeus, como de resto em toda a Renânia, pelo menos desde o século XIV, quando judeus foram obrigados a se converter ao catolicismo para escapar da morte. Não obstante, algumas comunidades judias conseguiram se firmar após a reforma protestante.

Em 1794 a cidade de Trier sofre um grande revés: tropas revolucionárias francesas adentram a cidade e a tomam da autoridade austríaca, que com o apoio dos príncipes eleitores renanos, cercava a cidade desde pelo menos 1793. A presença do *drapeau* tricolor não se fez sentir apenas pela existência dos soldados; o governo do Diretório (1795-1799) não desejava somente expandir seus territórios mas exportar os ideais da Revolução Francesa em todos os campos da vida social. Em 1797 a cidade foi separada da tutela do Sacro Império Romano Germânico e

⁴ Nos registros de Nijmegen, Holanda, Levi Mordechai aparece como filho, apesar da pouca idade do pai. Cf. <http://geneagraphie.com/getperson.php?personID=I451163&tree=1>

anexada à República Francesa. Foi como se, depois de séculos, o Antigo Regime se dissipasse repentinamente. Do ponto de vista religioso, a França revolucionária, infensa ao catolicismo clerical, modificou o que pode da presença da Igreja naquela região; tomou terras e propriedades, substituiu os ritos pelo culto à Pátria e aos ideais revolucionários, impôs novos códigos de leis, administrativos e até um outro calendário. Com o fim do governo revolucionário e a ascensão de Napoleão ao poder (o golpe do 18 Brumário ou de 9 de novembro de 1799), este promoveu uma reconciliação com Papa Pio VII, assinando um acordo em 1801, devolvendo-lhe algumas propriedades e privilégios, mas nada comparado ao que vigorava antes do período revolucionário. A supressão da sociedade de ordens não significou maior liberdade religiosa aos judeus de Trier; ao contrário, pelo o que havia sido estabelecido, a nova ordem exigia obediência completa às leis da Nação. Em 1804, entra em vigor o código civil francês, conhecido a partir de 1807 como Código Napoleônico. Nele, além das questões ligadas à propriedade e à igualdade perante a lei, existiam questões que atingiam o centro do poder religioso cristão, como, por exemplo, o casamento civil e o divórcio, fixando assim as bases laicas da união de pessoas. No entanto, o código deixava de lado a questão da religião judaica. No ano seguinte, Napoleão proclamou o que ficou conhecido como “decreto infame”, que impunha um controle absoluto por parte do Estado às atividades comerciais dos judeus. Ademais, quaisquer negócios feitos por judeus necessitavam de uma patente que tinha que ser renovada ano a ano e restringia-se a margem de lucro dos débitos para com os prestamistas em 10%, pois todo valor superior a este fôra declarado nulo. No plano civil, os judeus eram estimulados a adotar um sobrenome de uso comum apagando o passado judaico. Foi neste ambiente de tensão constante da ordem social e política que se deu a conversão ao protestantismo de Heinrich Marx.

A pesquisa sobre quando e o porquê da conversão (ou passagem) de Heinrich Marx ao credo protestante permanece controversa. Segundo o relato da filha mais nova de Marx, Eleanor Marx-Aveling (1855-1898), a conversão se deu única e exclusivamente para que Heinrich pudesse receber a autorização para praticar a advocacia. Franz Mehring (MEHRING, 1902), um dos primeiros biógrafos de Karl Marx, afirmava, no entanto, que a conversão do pai Marx, Heinrich Marx, ao cristianismo teria sido de livre escolha porque o decreto de 17 de março de 1808, que proibia as práticas prestamistas dos judeus, não visava ao credo judaico, tampouco atingia Heinrich por ter uma profissão liberal e por pertencer ao conselho de justiça da cidade. De todo modo, segundo Hans Stein (STEIN, 1932: Pp126–129.), a conversão de Heinrich Marx teria ocorrido, conforme os registros em Trier, entre 23 de abril de 1816 e 17 de agosto de 1817, ou seja, um ou dois anos antes

do nascimento de Karl. Assim, no dia 5 de maio de 1818, nascia, no seio de uma família ainda em sua maioria judia, Karl Heinrich 'Mordechai' Marx, ou simplesmente Karl Marx, cujo pai era, até aquela ocasião, o único membro do credo protestante, isto porque, como o provam os arquivos de batismo da comunidade evangélica de Trier, os irmãos Sophia (1817-1886), Karl (1818-1883), Hermann (1819-?), Henrietta (filha), Louise (1821-1893), Emilie e Caroline teriam recebido o sacramento do batismo apenas 6 anos depois, em 1824, na casa de seus pais. O primogênito, Mauritz David, nascido em 1815, morreria em 1819, e Eduard, o filho mais novo, nasceria apenas em 1826⁵. A mãe de Karl Marx, Henriette Pressbord (Pressburg) Marx, conforme estas mesmas fontes, manteve-se sob a confissão israelita, pelo menos até o ano seguinte, 1825, quando fora batizada (STEIN, Id.).

Ainda que conheçamos muito pouco sobre sua infância e embora sua confissão fosse protestante, sabemos que o pequeno Karl esteve matriculado no colégio Jesuíta Frederico Guilherme, em Trier, a partir de 1830, local frequentado por ele até o final dos estudos secundários, em 1835. Será neste ginásio, a partir deste último ano, que Karl Marx começará a sua extensa produção literária, produção esta que só será redescoberta a partir dos anos 20 do século passado, graças ao trabalho do Instituto Marx-Engels-Lenin (IMEL) sob a direção de David Riazanov (1870-1938), até a prisão deste em 1931.

O Jovem Marx e Lutero:

Atualmente a pesquisa sobre o jovem Marx tem sido dividida pela crítica moderna em 8 tópicos que percorrem um arco tempo que começa no ano de 1835 até os anos de 1842 (e, para alguns, 1843). Dentro deste período, os autores modernos têm seccionado os temas de interesse do jovem Karl Marx consoante não apenas a seus interesses filosóficos mas literários de um modo geral. São eles:

- 1) Experimentos literários e saberes afins, redigidos entre os anos de 1835 a 1837;
- 2) O desenvolvimento filosófico referente especialmente ao trabalho de sua dissertação intitulada "A Diferença da Filosofia da Natureza em Demócrito e Epicuro";
- 3) Os ensaios e cartas que marcam as diferenças para com os jovens hegelianos, em especial a partir das cartas trocadas com Bruno Bauer e o grupo dos Berlineses Livres;
- 4) Suas posições em relação a Ludwig Feuerbach que se materializam através de correspondências com o autor e outros colegas, principalmente no início de 1842;

⁵ Nos registros de Nijmegen não há a presença de David nem de Eduard.

- 5) Suas considerações em escritos esparsos acerca dos problemas a respeito da igualdade de direitos do Estado;
- 6) Seus escritos como Redator da Gazeta Renana que o levaram a redigir sérias reprimendas em outros jornais, como o da Gazeta de Colônia, à proibição da circulação deste jornal e que estavam em rota de colisão com o Estado prussiano;
- 7) Seus primeiros *insights* a respeito da Economia Política⁶ (TAUBERT, 1987: 206-207);

O nome de Lutero aparece com maior ou menor frequência em todos estes tópicos e de modo variado o que nos induz a pensar na importância do pensador alemão como referência para sua juventude e formação intelectual primeva.

A primeira menção direta a Lutero é em um poema. Marx, na ocasião com 17 anos, compôs uma série de poemas com temas abstratos e muitos dedicados a Jenny, sua futura esposa. Em um dos poemas, Lutero aparece ao lado de nada menos do que Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), um ícone da geração de Marx, um dos líderes do movimento romântico *Sturm und Drang*, e uma das maiores personalidades científicas da Alemanha naquele momento. Marx, no entanto, não hesita em fazer troça com a figura de Goethe, que havia morrido dois anos antes, e o diminui perante a sabedoria de Lutero no trato com a Natureza e com as coisas criadas por Deus.

PUSTKUCHEN (FALSOS ANOS DE FLANAGEM)

2ª. ESTROFE

Goethe pode causar às mulheres receio, terror até,
Pois para Grandes Damas o certo ele não é,
Ele apenas soube entender a Natureza,
Que não se deitara com a Moral, com certeza,
Tivesse ele de Lutero a catequese estudado,
Teria então daí versos fabricado.
E embora a Beleza por ele tenha sido algumas vezes pensada,
Esquecera de dizer “Feito por Deus” e mais nada. (646 – 1, 1. Tradução livre).⁷

Ainda nesta fase, Marx prestara os exames finais para conclusão de seu curso secundário (***Abiturientenarbeiten***), testemunhos daqueles últimos meses que antecedem a sua ida para a Universidade de Bonn ao fim de setembro de 1835. Todas as provas eram discursivas, com temas previamente escolhidos, mas de

⁶ TAUBERT, INGE. Probleme der weltanschaulichen Entwicklung von Karl Marx in der Zeit von März 1841 bis März 1843. Marx-Engels Jahrbuch. Berlin: 1987 Pp. 205-232.

⁷ „Göthe sei für Frauen ein Grauen,\Denn er passe nicht grad‘ für alten Frauen,\Er habe ja nur die Natur ergriffen,\Sie nicht mit Moral zurechtgeschliffen,\Hätt‘ Luthers Katechete sollen studieren,\Daraus dann Verse fabriciren.\Zwar das Schöne hat er manchmal gedacht,\Doch vergass er zu sagen: „Gott hab‘es gemacht.“

conteúdo livre. Nelas, o jovem Karl Marx trata de temas tão diversos quanto Matemática e Religião. Em uma das redações - ***Betrachtung eines Jünglings bei der Wahl eines Berufs*** (Observação de um jovem na escolha de sua profissão) -, datada do dia 12 de agosto de 1835, tomamos conhecimento que Marx advoga uma noção bastante vaga de Deus, o qual, aliás, ele nomeia com termos como divindade (Gottheit), natureza (Natur) e criação (Schöpfung). Em um outro exame feito dois dias antes, 10 de agosto de 1835, intitulado ***Die Vereinigung der Gläubigen mit Christo nach Johanes 15,1-14, in ihrem Grund und Wesen, in ihrer unbedingten Notwendigkeit und in ihren Wirkungen dargestellt*** (A União dos Crentes com Cristo, segundo João 15, 1-14, representada em seu fundamento e essência, em sua necessidade incondicional e em seus efeitos) é possível notar a preocupação de Marx com a faceta humana da natureza tríplice de Deus, a saber a figura de Cristo, que volta seu olhar para o *outro*, para o *próximo*, exigindo-lhe o auto-sacrifício. Como notou um de seus biógrafos (MCLELLAN, 1990), sua concepção deísta de divindade é *não-transcendente*, de modo que sua visão de ação social se ajuste à imanência do processo histórico.

Eis a tradução da redação intitulada ***Die Vereinigung***:

(União dos Crentes com Cristo, segundo João 15, 1-14, representada em seu fundamento e essência, em sua necessidade incondicional e em seus efeitos).

Antes que nós examinemos a causa e a natureza dos efeitos da união de cristo (associação cristã) com seus crentes, desejamos ver, se esta união é necessária, se ela é condicionada pela Natureza do Homem, se ele não é capaz de alcançar por si próprio o Fim para qual Deus a partir do Nada o chamou.

Voltemos nosso olhar para a História, para a grande *magistra* da humanidade, então descobriremos nela gravada com um buril de ferro maciço, que cada povo, se este mesmo alcançara o mais alto grau de civilização, se (seus) maiores homens nascessem de seus seios, se as artes nele fizesse surgir o sol pleno (plenamente brilhante), se as ciências tivessem resolvido as mais difíceis questões, que (esse) não fosse capaz de desfazer-se das correntes da superstição, que mesmo o costume, a moral jamais pareça livre (pura) de acréscimos estrangeiros, de ignóbeis limites nele (?) mesmo, que mesmo suas virtudes fossem produzidas mais por uma tosca grandeza, por um indômito egoísmo, por um procura pela glória e por feitos temerários do que por meio da ambição visando à verdadeira plenitude

E os antigos povos, os selvagens, para os quais os ensinamentos de cristo ainda não tivessem repercutido, eles demonstram um inquietação interna, um medo perante a cólera de seus deuses, um íntimo convencimento de sua

inadmissibilidade no momento em que oferecem a seus deuses o sacrifício, quando eles imaginam por intermédio do sacrifício expiar sua culpa.

Sim, o maior sábio da antiguidade, o divino Platão, declara em mais de uma passagem uma profunda ânsia pelo mais alto ser, cuja aparição preencheria a insatisfeita ambição por verdade e luz.

Assim, ensina-nos a História dos Povos a necessidade da união com Cristo.

Mesmo se observássemos a história dos indivíduos, mesmo se considerássemos a Natureza do Homem, ainda que com freqüência víssemos uma centelha da divindade no peito deste Homem, um entusiasmo pela bondade, uma aspiração ao conhecimento, uma ânsia pela verdade, somente a centelha do Eterno sufoca a chama da cobiça.

O entusiasmo pela virtude ensurdece a voz leniente das faltas\pecados, e zomba dela, tão logo a vida nos faz sentir todo seu poder.

A aspiração pelo conhecimento reprime\suplanta uma aspiração inferior por bens terrenos, a ânsia pela verdade extingue\apaga através do poder melífluo das mentiras, e assim o Homem o é, o único ser na natureza, cujo fim não se cumpre, o único elo de toda criação de Deus, moldado por ele, que não possui valor.

Mas aquele bom criador não quer odiar sua obra;

Ele quis elevá-lo até si e enviou seu filho e nos fez chamar por este.

Vós estais agora puro por causa da Palavra que eu vos dirigi” (Jo 15, 3).

“Permanecei em mim, e eu em vós” (Jo. 15, 4)

Após vermos como a História dos povos e a contemplação do indivíduo mostram a necessidade de união com Cristo, queremos considerar a última e mais segura prova, observando a palavra de Cristo, ela própria. E onde ela, a prova, expressaria mais claramente a necessidade de união com Cristo do que na bela metáfora da videira e do ramo, onde Ele se reconhece\nomeia videira, e nós os ramos. O ramo não é capaz por sua própria força produzir frutos, e assim, diz Cristo, nada podeis fazer sem mim. Ainda mais forte Ele declara a este respeito, quando diz:

“Quem não permanece em mim etc.” (Jo. 15, 4,5,6).

Entretanto deve-se entender esta simples palavra daquela deliberação que propicia conhecer a Palavra de Cristo; pois não podemos julgar a acepção de Deus sobre tais povos e homens, pois que não estamos sequer em condições de compreendê-la.

Nosso coração, a Razão, a História, a Palavra de Cristo nos chamam, pois, alto e convincentemente, dizendo que a união com ele é necessariamente incondicional, que nós, sem ele, não podemos alcançar o nosso Fim, que nós sem ele seríamos rejeitados por Deus, que somente ele pode nos salvar.

Assim, penetrado pelo convencimento de que esta união é incondicionalmente necessária, seremos\somos ávidos por perscrutar em que consiste este magnânimo dom, o raio de luz que dos mais altos mundos cai em nosso coração e nos eleva purificados ao céu, o qual é o ser interior e a razão da mesma?

Tão logo nós compreendemos a necessidade da união, aparece a razão da mesma, [e] nossa necessidade de salvação, nossa inclinação natural para o pecado, nossa razão vacilante, nosso coração corrompido, nossa inadmissibilidade perante Deus, clara diante de nossos olhos, e o que ele é, não necessitamos mais pesquisar

Mas quem mais poderia expressar de modo mais belo a essência da união do que Cristo como o fez na parábola da videira com o ramo? Quem poderia em grandes tratados todas as partes dispor, o âmago que esta união fundamenta, de maneira tão abrangente perante nossos olhos do que Cristo com estas palavras:

„Eu sou a verdadeira videira, meu Pai é o agricultor” (Joh. 15, 1).

„Eu sou a videira, vós sois os ramos”(Joh. 15, 5).

Se o ramo pudesse sentir, ele lançaria um olhar jubiloso para o jardineiro, do qual se espera ansiosamente que o livre de ervas daninhas, e mantenha o ramo firmemente ligado a videira, de onde o ramo retira seu alimento e seiva para as mais belas flores.

Na união com Cristo nós voltamos, então, para Deus o olhar amável\enamorado, sentimos por ele uma fervorosa gratidão, e nos curvamos alegremente perante ele sobre nossos joelhos.

Então, se para nós um sol mais belo nasceu pela união com Cristo, se nós sentimos toda nossa inadmissibilidade, mas ao mesmo tempo exultamos nossa salvação, podemos agora amar o Deus que antes nos parecia como se fosse um senhor injurioso, mas que agora surge como um Pai que absolve, como um Preceptor benévolo.

Mas não apenas para o vinhadeiro os ramos levantariam o olhar, se eles o pudessem notar; eles se aninhariam intimamente à cepa; eles se sentiriam da maneira mais precisa ligados com ela e com os ramos, que sobre ela crescem; ele já amariam os outros ramos porque um jardineiro se preocupa com eles, uma raiz \ um tronco que lhes empresta força

Assim é feita a união com Cristo, da mais íntima, da mais viva comunhão com ele, em que o temos diante dos olhos e dentro do coração, e quando nós somos penetrados desta maneira do mais elevado amor por ele, nós voltamos nosso coração imediatamente para os irmãos, os quais conosco estão intimamente ligados e pelos quais ele também se sacrificou.

Mas este amor a Cristo não é infrutífero; ele nos preenche não apenas com a mais pura adoração e estima para com ele, mas também nos atinge\provoca quando nós

observamos seus mandamentos, quando nós, uns pelos outros, nos sacrificamos, quando nós somos virtuosos, mas virtuosos somente por amor a ele (João 15, V, 9, 10, 12, 13, 14).

Este é o abismo que separa a virtude cristã de qualquer outra e sobre qualquer outra se eleva; este é um dos maiores efeitos que a comunhão com Cristo produz nos Homens.

A virtude não é mais nenhuma caricatura sombria como a filosofia estoica apresenta; ela não é o rebento de uma deontologia austera como aquela que se encontra em todos os povos pagãos; antes, no que ela atua, atua a partir do amor a Cristo, a partir do amor a um Ser divino e se ela brota desta fonte pura, aparece livre de todas as coisas terrenas e [é] verdadeiramente divina. Toda faceta repulsiva submerge, tudo o que é terreno afunda, tudo o que é bruto some e a virtude fica mais radiosa quando ela se torna ao mesmo tempo mais suave e mais humana.

Jamais a razão humana conseguiria representá-la desta maneira; a virtude permaneceria sempre uma virtude finita e mundana.

Tão logo um Homem tenha atingido esta virtude, esta união com Cristo, ele esperará silencioso e calmo os golpes do destino, suportará corajosamente a tempestade das paixões que se lhe opõem e destemidamente a Fúria do Mal.

O que ele pedir, ele já saberá que será atendido, pois ele pede apenas em união com Cristo, ou seja algo simplesmente divino, e quem não glorifica e consola esta certeza senão o próprio Salvador que a anuncia? (Jo. XV, 5, 7).

Quem não padeceria voluntariamente sofrimentos, visto que ele já sabe, por meio de sua permanência em Cristo, através de suas obras (em que) o próprio Deus será honrado, que glorifica sua consumação com o Senhor da Criação? (Jo. XV, 5, 8).

Pois que a união com Cristo conceda glorificação íntima, consolo no sofrimento, serena confiança e um coração em que o amor humano esteja aberto a tudo o que é nobre, a toda grandeza, e não O procure a troco de ambição ou de fama, senão apenas por causa de Cristo; pois que a união com Cristo conceda uma satisfação que os epicuristas inutilmente, em sua filosofia frívola, que o mais profundo pensador nas mais ocultas profundezas do saber em vão aspiram captar, e que somente conheça um inseparável sentimento cândido, ingênuo, (de união) com Cristo e, por meio dele, com Deus, o qual moldou a vida de uma maneira mais bela e a exalta (Jo XV, 11.).

Marx.

Aqui Marx toca em dois pontos caros à Teologia de Lutero: a *unio cum Cristo* (BARTH, 1988: 538-539) e a questão da *irmandade entre os Homens*⁸. O foco de Marx, como é o de Lutero, é o que se conhece por União com Cristo: isto é a identificação que cada ser humano tem para com o Cristo pregado na cruz. Esta identidade não elimina nosso Eu e é conhecida e justificada apenas pela fé. Lutero explica:

“Assim vivo já não eu, mas vive em mim Cristo”

Quando se diz: “Ora vivo”, soa mais pessoal, como se Paulo falasse sobre sua própria pessoa. Por esta razão logo em seguida corrige, dizendo: “já não eu”, isto é: não eu já em minha pessoa vivo, mas “Cristo em mim vive” A pessoa decerto vive, mas não em si ou para si (para sua pessoa) (...). (...) E assim, desta maneira, somos, Cristo e eu, então, **um** (...). (...) Porém quanto ao que se refere a justificação, é necessário que Cristo e eu estejamos em máxima conjunção, de modo que igualmente ele viva em mim e eu nele (quão maravilhoso é poder falar deste modo!). Porque decerto ele vive em mim, portanto, tudo o mais em mim existe, a graça, a justiça, a vida, a paz, a salvação, e mesmo Cristo (...).⁹

Porém em Marx a *unio cum Cristo* significaria ademais a irmanação entre os Homens como é entendido em Lutero em um dos seus sermões:

*'A primeira irmandade é a divina, celestial, de todas a mais nobre, que é superior a todas as outras, assim como o ouro é superior ao cobre ou ao chumbo. Trata-se da comunhão de todos os santos, da qual se falou acima, na qual todos nós somos irmãos e irmãs. Ela é tão íntima que jamais se poderá conceber outra mais íntima; pois ali há um [só] Batismo, um Cristo, um sacramento, um alimento, um Evangelho, uma fé, um Espírito, um corpo espiritual, e cada qual é membro do outro. Nenhuma outra irmandade é tão profunda e íntima. (...) Todas as outras irmandades, então, devem ser ordenadas de forma tal, que constantemente tenham diante de si a primeira e mais nobre, tenham em alta consideração unicamente a ela e, com todas as suas obras, não busquem seu próprio interesse, mas as pratiquem por amor a Deus, pedindo a Deus que preserve e melhore diariamente essa comunhão e irmandade cristãs*¹⁰. (LUTERO, 1987 [1517-1519]: 440-444)

Os temas aqui tratados são éticos mais do que teológicos. A Teologia vem em apoio à tese segundo a qual “ao tomarmos parte em Cristo permitimos que

⁸ LUTERO, MARTINHO. *Um Sermão sobre o Venerabilíssimo Sacramento do Santo e Verdadeiro Corpo de Cristo e sobre as Irmandades*. Obras Seleccionadas. Volume 1. Os primórdios. Escritos de 1571 a 1519. São Leopoldo\ Porto Alegre: Editora Sinodal\Concórdia Editora, 1987. Esp. 440-444. Cf. também Comentários de Lutero sobre as suas Teses Debatidas em Leipzig. Pp. 333-384, especialmente a tese 1, onde o tema da parábola da videira é citado expressamente.

⁹ *Vivo autem, iam non ego, sed vivit in me Christus. “Quod dicit: 'Vivo autem', sonat personaliter, quasi Paulus loquatur de sua persona. Ideo mox corrigit, dicens: 'Iam non ego', id est: Non ego iam in mea persona vivo, sed 'Christus in me vivit.' Persona quidem vivit, sed non in se aut pro sua persona (...) Itaque Christus et ego iam unum in hac parte sumus.(...).* (...) *sed quantum attinet ad iustificationem, oportet Christum et me esse coniunctissimos, ut ipse in me vivat et ego in illo (Mirabilis est haec loquendi ratio). Quia vero in me vivit, ideo, quidquid in me est gratiae, iustitiae, vitae, pacis, salutis, est ipsius Christi, (...).*(LUTERO, MARTINHO. In epistolam S. Pauli ad Galatas Commentarius. [1531] 1535. (2,20) 283-285. In: KNAAKE, J.K.F. et al. Kritische Gesamtausgabe. Volume 40, parte 1. Weimar: Hermann Böhlhaus, 1911. Grifos meus)

¹⁰ LUTERO, MARTINHO. *Um Sermão sobre o Venerabilíssimo Sacramento do Santo e Verdadeiro Corpo de Cristo e sobre as Irmandades*. Op. cit.

todos os cristãos tomem da nossa vida”, ou em outras palavras a *unio* é razão da *communio* e assim o é esta última também reciprocamente.

Marx

No outono de 1835, Marx ingressa no curso de Direito da Universidade de Bonn. Em 1836, vários acontecimentos vão mudar definitivamente os rumos da história de Marx: em junho deste ano ele é preso por arruaças; em setembro ele confirma seu noivado com Jenny e se transfere para Berlim, onde lentamente abandona os estudos de Direito e abraça os de Filosofia. No ano de 1837, ele tem contato com o grupo dos jovens Hegelianos, entre eles o professor de Teologia Protestante Bruno Bauer. É desta mesma época que datam seus primeiros contatos com os escritos de Ludwig Feuerbach (1804-1872), um profundo conhecedor de Lutero, desde pelo menos 1826, data em que o próprio Hegel (1770-1831) declarara, sem meias palavras, que sua filosofia foi reforçada por seu luteranismo¹¹. Em 1833, Feuerbach publicara uma obra intitulada *Historia da Nova Filosofia, de Bacon de Verulam até Benedikt Spinoza*. Lá estão vários pensadores que Marx admira e exalta. A obra é dedicada à Teoria do Conhecimento faz um *exkurs* por vários pensadores todos eles influenciados, em menor ou maior grau, pelo Protestantismo, que Feuerbach proclama como um novo princípio para compreensão do mundo, capaz de separar o “Inessencial do Essencial, o Arbitrário do Necessário, o Histórico do Originário” (FEUERBACH, 1833: 20;24). A tônica da obra, como disse alhures um especialista, é demonstrar que o protestantismo é “a expressão religiosa do espírito livre e autônomo da modernidade, pelo qual o Homem se libertou da arbitrariedade da Igreja e conquistou os valores da vida burguesa, reconciliando-se com mundanidade” (ARRAYÁS, 1993: XV). Esta busca pela *liberdade* humana será então mais e mais o *summum desideratum* de Marx.

Conhecemos pouco dos escritos avulsos de Marx desta época e o que sabemos é que com fim do doutorado em abril de 1841, cujo título da tese era A Diferença da filosofia da natureza em Demócrito e Epicuro, Marx, com 22 anos, desempregado procura um emprego como professor em Bonn. Seu antigo amigo, Bruno Bauer, como outros jovens hegelianos, sofrem com a censura e as perseguições do novo imperador Frederico Guilherme IV (1795 a 1861, assumindo o trono em 1840) e por fim ele desiste do magistério. No final deste mesmo ano, Moses Hess, filho de um rico comerciante judeu, convidara Marx a escrever artigos no seu futuro jornal, a *Gazeta Renana*. Em janeiro de 1842 sai o primeiro número

¹¹ No original: “Ich bin ein Lutheraner und durch Philosophie ebenso ganz im Luthertum befestigt” (Eu sou um luterano e a Filosofia assim tem reforçado o meu luteranismo). Carta de 3 de julho de 1826 a Friedrich August Gottreu Tholuck (1799-1877). In: BUTLER, CLARK e SEILER, CHRISTIANNE (trad.). Hegel: *The Letters*. Bloomington: Indiana University Press, 1984. Pg. 520.

da Gazeta Renana e Hess escreve entusiasmado a um amigo: “Pode se preparar para conhecer o maior – talvez o único verdadeiro – filósofo da atual geração (...) Imagine Rousseau, Voltaire, d’Holbach, Lessing, Heine e Hegel reunidos numa mesma e única pessoa – e estou dizendo reunidos, e não justapostos -, e terá o doutor Marx” (ATTALI, 2007: 53).

É impossível seguir aqui tudo o que Marx produziu sobre Lutero, direta ou indiretamente, desde então, não só pelo caráter fragmentário das publicações mas pela dificuldade de acesso a muitos materiais, mas dois momentos dão o tom da companhia de Lutero ao jovem jornalista.

Trata-se de um artigo escrito no fim de janeiro de 1842, mas só publicado em 1843, no conjunto das *Anekdoten zur neuesten deutschen Philosophie und Publicistik*, organizado por Arnold Ruge e de distintas autorias como Bruno Bauer, Ludwig Feuerbach, Friedrich Köppen, Karl Nauwerck, Arnold Ruge e *alguns anônimos* (RUGE, 1843: 206-208). O artigo, sem autoria, tem sido imputado, desde a década de 1970 a lavra de Feuerbach, ainda que, em minha humilíssima opinião, os argumentos trazidos por Hans-Martin Hass (HASS, 1973: 108-119) necessitem de análises definitivas. É certo, no entanto, que desde David Riazanov (1870-1938), organizador dos escritos de Marx na década de 20, o texto tem sido atribuído a Marx, embora tenha ficado de fora, com base nos argumentos de Hass, da nova organização da MEGA (Marx und Engels Gesamtausgabe)¹² em 1975. Seja como for a presença deste material no espólio de Marx indica que ele, ao menos, tomou contato com este material.

“Lutero como árbitro entre Strauss e Feuerbach

Strauss e Feuerbach! Qual dos dois tem razão na recente excitante questão a respeito do conceito de *milagre*? Strauss que trata o assunto ainda como teólogo e por isso é [por ele] apanhado (capturado), ou Feuerbach, que o considera não como teólogo e por isso o observa livremente? Strauss que vê as coisas como *aparecem* aos olhos da Teologia especulativa ou Feuerbach, que as vê como elas são?

Strauss que não chega a nenhum julgamento decisivo sobre o Milagre e sequer suspeita que [por trás] do Desejo haja algo especial, um poder diferenciado do espírito através do Milagre como se o desejo não fosse exatamente este Poder do Espírito ou dos Homens pressentido por ele, como, por exemplo, o Desejo de ser livre, não fosse já o *primeiro* ato da liberdade ou como Feuerbach atalha e pergunta: o Milagre é a realização de um desejo natural ou humano de um modo sobrenatural?

¹² MEGA. I.I. Appar. 966-967.

Qual dos dois tem razão? Lutero - uma autoridade muito boa, uma autoridade que sobre todos os dogmáticos protestantes juntos e cada qual infinitamente prevalece, porque a religião nele era uma *verdade imediata*, ou seja, por assim dizer, a Natureza – Que Lutero decida.

Lutero diz *por exemplo* – pois poder-se-ia lançar mão de inúmeras passagens citadas por ele – sobre a ressurreição dos mortos, a propósito de Lucas 7

„Nós devemos considerar as obras de Nosso Senhor Jesus Cristo de um modo distinto e *mais alto* que as obras dos Homens, pois por causa de nós elas também foram escritas, de modo que nós devemos reconhecer nesta mesmas obras que tipo de Senhor é ele, a saber, *um Senhor e um Deus que nos pode ajudar, onde mais ninguém poderia ajudar*, de modo que não há Homem caído de tão alto e a tão fundo ao qual ele não posso ajudar a sair também seja qual for a sua Falta. E o que é para nosso Senhor Deus impossível a ponto de nós não nos atrevermos a querer consolo nele? Ele criou do nada Céu e Terra e tudo mais. Ele faz ainda com que a cada ano as árvores se encham de cerejas, ameixas, maçãs e peras e *não tem necessidade de nada para fazê-lo*. Para cada um de nós é impossível, quando chega a neve no inverno, que consigamos um única cerejinha tirada da neve.

Mas Deus é o Homem que *tudo pode conseguir arranjar*, aquele, pois, que *pode fazer vivente o que está morto*, e *chamar* aquele que *não é para que seja*; em suma, ainda que este tenha caído tão fundo, como quer que se queira, para nosso Senhor Deus ele não se encontra tão profundamente caído a ponto de que ele não posso se levantar e endireitar-se.

É, então, necessário que reconheçamos tais obras a Deus e saibamos que *para ele nada é impossível*, de modo que *quando as coisas vão mal nós aprendamos a ser destemidos perante sua Onipotência*. E quando chega o turco ou um outro *infortúnio*, que pensemos que haja alguém que nos ajudará e salvará neste momento, alguém que tenha uma mão *todo poderosa e que possa nos socorrer*. E esta é a fé reta e verdadeira. *Perante Deus deve-se ser destemido e não esmorecer*. Pois o que eu e outros homens não podemos e não conseguimos fazer, isto ele pode e consegue.

Quando eu e outras pessoas não pudermos ajudar, ele, neste momento, pode me ajudar e também salvar-me da morte, Como diz o salmo 68: *Nós temos um Deus que nos ajuda e o Senhor dos Senhores que nos salva da morte*. Que, pois, nosso coração seja sempre destemido e consolado e se mantenha firme junto a Deus. E os corações que servem a Deus com retidão e o amam são exatamente os que não se negam e não temem.

„Em [com] *Deus* e em [com] seu *Filho Jesus Cristo* devemos ser audazes. Pois, o que *nós não podemos, ele o pode; o que nós não temos, ele o tem*. Se *nós não podemos nos ajudarmos, ele pode nos ajudar e deseja fazê-lo muito bem e de bom grado*, como se vê aqui (Obras de Lutero. Leipzig 1732. [Parte XVI] páginas 442 a 445).

Nestas poucas palavras tendes uma *Apologia* de todos os escritos de Feuerbach – uma apologia das definições de *Providência*, *Onipotência*, *Criação*, de *Milagre*, de *Fé*, tal como são dadas neste Escrito.

Que vergonha, oh, cristãos, vós, distintos e comuns, instruídos e ignorantes Cristãos, que *vergonha*, que um *Anticristo* tenha que mostrar-vos a Essência do Cristianismo em sua forma verdadeira e desvelada.

E a vós, vós que sois Teólogos especulativos e Filósofos, eu vos aconselho: libertai-vos dos conceitos e dos preconceitos da Filosofia especulativa [existente] até este momento, se quereis ir até as coisas tais quais elas são, isto é, se quereis chegar a *Verdade* e a *Liberdade*, chegar por não outro meio que não seja *através* do *arroio de fogo* [*Feuerbach*]. Feuerbach é o *Purgatorium* do presente.

Nenhum berlinense

Pregação”¹³.

Neste texto, diferentes noções de Milagre são apresentadas. Para ambos os autores julgados, o Milagre é um desejo, mesmo que sobrenatural pois não está na ordem da razão. Como para Strauß, que havia escrito dois anos a respeito do tema em sua obra *Die christliche Glaubenslehre in ihrer geschichtlichen Entwicklung und im Kampfe mit der modernen Wissenschaft* (STRAUß, 1840-1841), onde o tema do milagre aparece como indistinta da fé no controle sobre a Natureza e por isso o considera a partir da sua aparência, pois o Milagre é parte de um poder distinto do poder do Desejo, a autor opta por opô-lo a Feuerbach, que considera as coisas como elas são. E quem irá julgar? Lutero porque para ele a Religião é “uma verdade imediata”, dando claramente a vitória para Feuerbach. Se o texto não é de Marx `e *bene trovato*. Lutero aparecerá outras vezes ao longo do ano de 1842.

O segundo momento marcante da companhia de Lutero ocorre no segundo semestre de 1842, quando o cerco da censura contra a Gazeta Renana acirrara. Uma minuta endereçada ao jornal exigia que a Gazeta mudasse suas tendências irreligiosas e adotasse uma posição agradável ao Governo (eine der Regierung gefällige annehmen). E o que fez Marx? Além de lembrar ao responsável pela província em Koblenz, Justus Wilhelm Eduard von Schaper, das responsabilidades de que um jornal deve “lançar luz, ainda que com duras críticas, sobre as condições do Estado e as Instituições da Pátria” (wenn auch scharfen Kritik die staatlichen Verhältnisse und Einrichtungen des Vaterlandes beleuchtet), recordava que a Alemanha e em especial a Prússia, encontrava-se dividida em duas frentes de batalha (in zwei Heerlager –acampamentos- getheilt ist), referindo-se ao catolicismo e a protestantismo e que a questão permanecia sem resolução. No entanto, acrescenta Marx “Se Lutero não tivesse sido condenado por ter atacado,

¹³ Karl Marx/ Friedrich Engels - Werke. (Karl) Dietz Verlag, Berlin. Band 1. Berlin/DDR. 1976. S. 26/27.

malgrado o Kaiser e o Reino, a Igreja Católica, de uma maneira até devassa e que rompesse com todos os limites das formas, [e] o modo de ser do Cristianismo naquela época, será que teria sido proibido, em um Estado protestante, advogar uma posição oposta ao corrente Dogma (...)?¹⁴ Para meias palavras, bom entendedor basta...Se não fosse Lutero, a Alemanha ainda estaria na Idade Média...O trecho, no entanto, foi riscado na versão final (vide infra).

Ainda mais uma vez, em uma polêmica aberta contra a *Gazeta do Reno e do Mosela*, em março de 1843, por ocasião da morte de Friedrich von Sallet, Marx retoma o exemplo de Lutero na defesa dos jovens hegelianos. No *Evangelho dos Leigos* de Sallet, escrito em 1842, todo em versos, percorrendo os principais livros bíblicos, reconhecemos as principais idéias de Feuerbach: a imanência à transcendência, o materialismo ao idealismo, o amor ao próximo ao amor a Deus, o ateísmo ao teísmo (TEBBEN, 2011: 94). O lançamento do livro, no entanto, teve uma recepção calorosa em um Jornal de Trier, que chamou Sallet, de “verdadeiro campeão do Senhor”, por ter “revelado a verdade eterna”. Aos poemas, um outro jornal a *Gazeta do Reno e do Mosela* não poupa críticas, chamando as idéias de Strauss, Feuerbach e Bruno Bauer de ‘perniciosa doutrina’. Marx, por sua vez, como diretor da *Gazeta Renana*, não critica apenas o Jornal da Renânia, mas aproveita para espinaftrar o apologista do jornal de Trier

“(...) Sallet certamente esforçou-se por ser um verdadeiro ser humano, mas de modo algum um campeão da verdade eclesiástica. (...) Pelo contrário, Sallet acreditava poder fazer valer a verdade racional efetiva apenas em oposição à verdade sagrada, acreditava poder fazer valer uma moral humana sendo efetiva somente em oposição a um ser humano cristão, e por isto é que ele escreveu em seu Evangelho-Leigo. E o que aconteceu? Honrou o apologista do Jornal de Trier o homem quando ele pôs todos os seus esforços de cabeça para baixo? Será que teria sido uma honra para Lutero se alguém dissesse que ele era um bom católico (...)? Quanta hipocrisia!”¹⁵

A *Gazeta* será fechada poucos meses depois.

À guisa de conclusão:

Diante do quadro apresentado fico com sensação de estar sendo sucinto em demasia. Há tanto que escrever sobre o Jovem Marx, que dificilmente conseguiríamos dar conta de qualquer aspecto à exaustão deste pensador ‘novato’.

¹⁴ Carta de Karl Marx a Justus Wilhelm Eduard von Schaper em Koblenz. Colônia entre 12 e 17 de novembro de 1842. In: Karl Marx\ Friedrich Engels Gesamtausgabe. 3. Abt. Correspondências. Volume 1. Berlin: Dietz (editora), 1975. Pg 34.

¹⁵ MARX, KARL. Die „Rhein- und Mosel-Zeitung“ als Grossinquisitor. *Rheinische Zeitung*. 12 de março de 1843. In: Karl Marx\ Friedrich Engels Gesamtausgabe (MEGA). 1.Abt. Volume 1. Texto. Berlin: Dietz Verlag. 1975. Pp. 360-362, esp. Pg. 361.

A trajetória intelectual de Marx (alguns preferem o termo *Desenvolvimento Intelectual*) é tão multifacetada que seria injusto estabelecer aqui uma matriz causal única para o vigor de seu pensamento. O que sabemos é que o Judaísmo e o Catolicismo tiveram um papel decisivo na visão de mundo deste, até então, jovem protestante. Ele buscou muitas vezes nos escritos de Lutero e no próprio Lutero, isto é, na personagem histórica Lutero, as fontes do inconformismo e da liberdade para romper as cadeias do *status quo* em uma das regiões mais pobres da então Prússia. Em 16 de novembro de 1842, na sede da Gazeta Renana, na cidade de Colônia, ele encontrou o jovem, nascido em berço pietista, Friedrich Engels, com quem havia cruzado um ano antes em Berlim, um encontro que mudaria para sempre suas vidas. A seu modo, Lutero o libertara.

Bibliografia:

- ARRAYÁS, LUIS MIGUEL ARROYO (org. e trad.). Ludwig Feuerbach. Escritos en torno a *La Esencia del Cristianismo*. Madrid: Tecnos, 1993. Pg. XIV.
- ATTALI, JACQUES – Karl Marx ou o Espírito do Mundo. Trad. C. Marques. Ver. M. Backes. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- BARTH, KARL. *Union with Christ*. In: BARTH, Karl. Church Dogmatics. Vol. IV, Part 3.2, "The Doctrine of Reconciliation." Edinburgh: T & T Clark. 1988. pgs 538-549.
- BAUER, JOACHIM & PESTER, THOMAS - Die Promotion von Karl Marx an der Universität Jena 1841. Hintergründe und Folgen. In: I. Bodsch (org.). Dr. Karl Marx. Vom Studium zum Promotion – Bonn, Berlin, Jena. Begleitbuch zur gleichnamigen Ausstellung des StadtMuseum Bonn in Kooperation mit dem Archiv der Friedrich-Schiller-Universität Jena. Bonn: ed. StadtMuseum Bonn. 2012. Pg. 52.
- BUTLER, CLARK e SEILER, CHRISTIANNE (trad.). Hegel: *The Letters*. Bloomington: Indiana University Press, 1984. Pg. 520.
- CORNU, AUGUSTE. Carlos Marx y Frederico Engels. Del Idealismo al Materialismo Historico. Tomo I. Los Años de infancia y de juventud. La izquierda hegeliana. 1818\20- 1844. Trad. Patricia Canto. Buenos Aires: Platina\Stilcograf. 1965.
- EASTON, LOY E GUDDAT, KURT H. Writings of the Young Marx on Philosophy and Society. Nova Iorque: Anchor Books, 1967.
- FEUERBACH, LUDWIG ANDREAS. Geschichte der Neuern Philosophie von Bacon von Verulam bis Benedict Spinoza. Ansbach: C. Brügel, 1833.
- HASS, HANS-MARTIN. Feuerbach statt Marx. Zur Verfasserschaft des Aufsatzes Luther als Schiedsrichter zwischen Strauß und Feuerbach. International Review of Social History. XIII, 1. 1973. Pp. 108-119.

LEOPOLD, DAVID. *The Young Karl Marx. German Philosophy, Modern Politics, and Human Flourishing*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2007.

LUKÁCS, GYÖRGY . *O jovem Marx e outros escritos de filosofia*. Organização, apresentação e tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

LUTERO, MARTINHO. *Um Sermão sobre o Venerabilíssimo Sacramento do Santo e Verdadeiro Corpo de Cristo e sobre as Irmandades*. Obras Seleccionadas. Tradução. A Höhn; I. Kayser; L. M. Sander; M. L. Hasse e W. O. Schlupp Volume 1. Os primórdios. Escritos de 1517 a 1519. São Leopoldo\ Porto Alegre: Editora Sinodal\Concórdia Editora, 1987. Esp. 440-444.

MARX, KARL & ENGELS, FRIEDRICH GESAMTAUSGABE. (MEGA). Institut für Marxismus-Leninismus beim Zentralkomitee der Kommunistischen Partei der Sowjetunion & Institut für Marxismus-Leninismus beim Zentralkomitee der Sozialistischen Einheitspartei Deutschlands (org.) – Vol. III, 1 - Karl Marx & Friedrich Engels Briefwechsel bis April 1846. Text. Karl Marx Friedrich Engels Gesamtausgabe (MEGA). Berlim: Dietz, 1975. Pp. 290-292

MCLELLAN, David – Karl Marx – Vida e Pensamento. Trad. J. A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

MEHRING, FRANZ (org.). *Aus dem literarischen Nachlass von Karl Marx, Friedrich Engels und Ferdinand Lassalle*. Volume 1. Gesammelte Schriften von Karl Marx und Friedrich Engels. Von März 1841 bis März 1844. Stuttgart: J. K. W. Dietz Nacht, 1902.

RUGE, ARNOLD (org.). *Anekdoten zur neuesten deutschen Philosophie und Publicistik*. Zurich e Winterthur: Literarischen Comptoirs, 1843. Pp. 206-208.

SPERBER, JONATHAN. *Karl Marx. Uma Vida do Século XIX*. Trad. Lúcia Helena de Seixas Brito. Barueri, SP: Amarelis, 2014.

STEIN, HANS. *Der Uebertritt der Familie Heinrich Marx zum evangelischen Christentum*. Jahrbuch des Kölnischen Geschichtsvereins. Volume 14, Issue jg, 1932. Pp126–129.

STRAUB, DAVID .F. *Die christliche Glaubenslehre in ihrer geschichtlichen Entwicklung und im Kampfe mit der modernen Wissenschaft*. Tübingen: bei Osiander, Stuttgart: bei Köhler, 1840-1841. 2 VOLUMES

TAUBERT, INGE. *Probleme der weltanschaulichen Entwicklung von Karl Marx in der Zeit von März 1841 bis März 1843*. Marx-Engels Jahrbuch. Berlim: 1987 Pp. 205-232.

TEBBEN, Karin – Tannhäuser: *Biographie einer Legende*. Vandenhoeck & Ruprecht. 2011. Pg. 94

